

FILOSOFIA E COSMOVISÃO CRISTÃ

J. P. MORELAND E
WILLIAM LANE CRAIG

SEGUNDA EDIÇÃO
AMPLIADA E REVISADA


VIDA NOVA

Filosofia e cosmovisão cristã é o livro que eu mais tenho recomendado aos que buscam um panorama claro e caracteristicamente cristão das principais subdisciplinas da filosofia. Estou feliz, portanto, com essa segunda edição atualizada, escrita por dois filósofos cristãos influentes, cuja obra acadêmica, integridade pessoal e amizade cordial tem tido impacto sobre minha própria vida e escritos ao longo dos anos.

Paul Copan, professor, coordenador Pledger Family de Filosofia e Ética, na universidade Palm Beach Atlantic University, autor de *A little book for new philosophers* e organizador de *O Jesus dos evangelhos: mito ou realidade?* (Vida Nova)

Ao lidar com algumas das questões mais importantes com respeito à relação entre fé e razão, Craig e Moreland oferecem ao estudante dedicado de filosofia um levantamento coerente e habilmente apresentado das credenciais intelectuais da crença cristã. Embora às vezes eu mesmo discorde deles (por exemplo, a respeito da simplicidade e da atemporalidade divinas), seu domínio da argumentação filosófica é impressionante.

Francis J. Beckwith, professor de Filosofia na Baylor University

Moreland e Craig tomaram um texto magnífico e o tornaram ainda melhor. Desde a publicação original de *Filosofia e cosmovisão cristã* em 2003, nos Estados Unidos, a obra tem estado entre os principais recursos para estudantes e acadêmicos cristãos exporem e defenderem fundamentos filosóficos para a visão de mundo cristã. A abrangência desse texto é extraordinária e, agora, tornou-se ainda melhor com atualizações como novos capítulos sobre dualismo de substância, novas evidências para os argumentos *kalam* e do ajuste fino, uma seção atualizada sobre asseidade divina e um capítulo inteiramente novo sobre expiação. Embora seja acessível para o aluno iniciante, também oferece a profundidade exigida pelo estudante de filosofia em nível de pós-graduação. Como os próprios autores afirmam, “Não se trata de uma leitura que se faz antes de dormir!”. Essa é uma leitura que exigirá trabalho árduo, mas recompensará como nenhum outro livro de filosofia que conheço.

Mark W. Foreman, professor de Filosofia na Liberty University

A primeira edição de *Filosofia e cosmovisão cristã*, de Moreland e Craig, foi tanto formacional quanto transformacional em meu desenvolvimento como acadêmico iniciante em filosofia. Seu raciocínio cuidadoso (e fiel), juntamente com seu compromisso honesto (e firme) com o mais sólido academicismo, partindo de todo tipo de visão de mundo, servem de um excelente modelo e guia. Os capítulos acrescentados sobre expiação e concepções fisicalistas *versus* dualistas da pessoa humana fortalecem um volume que já era abrangente. *Filosofia e cosmovisão cristã* está longe de ser uma leitura fácil, mas o desafio oferece rica recompensa intelectual.

Tawa J. Anderson, diretor do programa de honra, Oklahoma Baptist University

Moreland e Craig apresentam uma abrangente introdução à filosofia de uma perspectiva cristã. Ela é tanto teológica quanto filosoficamente envolvente e instigante. Além disso, o livro é estruturado de modo que não é preciso conhecimento prévio em filosofia para entendê-lo. Recomendo muito!

Celucien L. Joseph, *Christ, my righteousness*, 1 de agosto de 2008

FILOSOFIA E
COSMOVISÃO
CRISTÃ



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Moreland, J. P.

Filosofia e cosmovisão cristã / J. P. Moreland e William Lane Craig. — 2. ed.
— São Paulo : Vida Nova, 2021.

1024 p.

ISBN 978-85-275-0982-4

Título original: Philosophical foundations for a Christian worldview

1. Cristianismo - Filosofia 2. Filosofia e religião I. Título
II. Craig, William Lane

19-2356

CDD – 261.51

Índice para catálogo sistemático

1. Cristianismo - Filosofia

FILOSOFIA E COSMOVISÃO CRISTÃ

J. P. MORELAND E
WILLIAM LANE CRAIG

SEGUNDA EDIÇÃO
AMPLIADA E REVISADA

TRADUÇÃO

Sueli Silva Saraiva (páginas introdutórias; caps. 1, 2 e 8-12)

Lena Aranha (caps. 3 e 4)

Emirson Justino (caps. 5-7, 19-22 e 24-31)

Jonathan Silveira (atualizações da segunda edição; caps. 13, 14 e 33)

Hander Heim (caps. 15-18)

Rogério Portella (cap. 23)

Leandro Bachega (atualizações da segunda edição)

©2003, 2017, de J. P. Moreland e William Lane Craig
Título do original: *Philosophical foundations for a Christian worldview*,
segunda edição publicada por IVP ACADEMIC,
uma divisão da INTERVARSITY PRESS (Downers Grove, Illinois, EUA).

Imagens da capa: Colunas gregas: © de tridland/iStockphoto. Iluminura retratando Deus: letra “O” capitular historiada, de Sano di Pietro (Ansano di Pietro di Mencio), em que Deus é retratado no processo de criar as estrelas (Museu Marmottan Monet, em Paris, França / © de Bridgeman Images).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2005
2.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New Revised Standard Version. As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV) e da Revised Standard Version (RSV) ou extraídas da Almeida Século 21 (A21).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Leandro Bachega

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Virginia Neumann
Marcia B. Medeiros

REVISÃO TÉCNICA
Jonathan Silveira

REVISÃO DE PROVAS
Aldo Menezes

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Luciana Di Iorio

CAPA
David Fassett
Vania Carvalho (adaptação)

Para

DALLAS WILLARD e
STUART HACKETT.

*Lembraí-vos dos vossos líderes,
que vos pregaram a palavra de Deus;
observando-lhes atentamente
o resultado da vida,
imitai-lhes a fé.*

HEBREUS 13.7, A21

SUMÁRIO

<i>Plano sucinto da obra</i>	11
<i>Prefácio à primeira edição brasileira</i>	25
<i>Prefácio</i>	29
Um convite à filosofia cristã	31
PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO	
1. O que é filosofia?.....	43
2. Argumentação e lógica.....	64
SEGUNDA PARTE: EPISTEMOLOGIA	
3. Conhecimento e racionalidade.....	121
4. O problema do ceticismo	148
5. A estrutura da justificação	177
6. Teorias da verdade e pós-modernismo	206
7. Epistemologia religiosa	240
TERCEIRA PARTE: METAFÍSICA	
8. O que é metafísica?.....	267
9. Ontologia geral: Existência, identidade e reducionismo	285
10. Ontologia geral: Duas categorias: propriedade e substância.....	308
11. O problema mente-corpo 1A: Dualismo de consciência e de propriedade ou dualismo de propriedade simples.....	340
12. O problema mente-corpo 1B: Alternativas fisicalistas ao dualismo de propriedade ou dualismo de propriedade simples	371
13. O problema mente-corpo 2A: Argumentos sobre a questão e versões de dualismo de substância.....	404
14. O problema mente-corpo 2B: As principais alternativas fisicalistas ao dualismo de substância.....	447
15. Livre-arbítrio e determinismo	478
16. Identidade pessoal e vida após a morte.....	503

QUARTA PARTE: FILOSOFIA DA CIÊNCIA

17. Metodologia científica.....	529
18. O debate realismo-antirrealismo	554
19. A filosofia e a integração da ciência e da teologia	581
20. Filosofia do tempo e espaço	609

QUINTA PARTE: ÉTICA

21. Ética, moralidade e metaética.....	643
22. Relativismo ético e absolutismo.....	660
23. Teorias ético-normativas 1: Egoísmo e utilitarismo.....	685
24. Teorias ético-normativas 2: Ética deontológica e ética da virtude	712

SEXTA PARTE: FILOSOFIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA FILOSÓFICA

25. A existência de Deus 1.....	733
26. A existência de Deus 2.....	758
27. A coerência do teísmo 1.....	784
28. A coerência do teísmo 2.....	804
29. O problema do mal.....	828
30. Criação, providência e milagre	851
31. Doutrinas cristãs 1: A Trindade	878
32. Doutrinas cristãs 2: A encarnação.....	907
33. Doutrinas cristãs 3: A expiação	930
34. Doutrinas cristãs 4: O particularismo cristão	954

Sugestões de leitura complementar.....971

Índice de passagens bíblicas.....993

Índice remissivo

997

PLANO SUCINTO DA OBRA

Um convite à filosofia cristã	31
1. Por que a filosofia é importante.....	31
2. Um convite ao diálogo.....	39
3. Agradecimentos.....	40

PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO

1. O QUE É FILOSOFIA?	43
1. Introdução	44
2. A natureza da filosofia	45
3. Uma justificação cristã da filosofia.....	47
4. O papel da filosofia na integração	54
4.1. Exemplos de como a filosofia é necessária.....	54
4.2. Diferentes modelos de integração.....	55
4.3. Alguns princípios filosóficos usados na integração	57
<i>Resumo do capítulo</i>	63
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	63
2. ARGUMENTAÇÃO E LÓGICA	64
1. Introdução	64
2. Argumentos dedutivos	65
2.1. Logicamente válido	67
2.1.1. Lógica sentencial	67
2.1.1.1. As nove regras de lógica.....	67
2.1.1.2. Exercícios sobre as nove regras	79
2.1.1.3. Algumas equivalências.....	81
2.1.1.4. Prova condicional	83
2.1.1.5. <i>Reductio ad absurdum</i>	85
2.1.2. Lógica predicativa de primeira ordem	86
2.1.2.1. Quantificação universal.....	87
2.1.2.2. Quantificação existencial.....	89
2.1.3. Lógica modal.....	92
2.1.4. Lógica contrafactual.....	97

2.1.5. Falácias informais	103
2.2. Premissas verdadeiras	105
2.3. Premissas mais plausíveis que as suas negações	106
3. Raciocínio indutivo	107
3.1. O teorema de Bayes	108
3.2. Inferência para a melhor explicação	110
<i>Resumo do capítulo</i>	112
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	116

SEGUNDA PARTE: EPISTEMOLOGIA

3. CONHECIMENTO E RACIONALIDADE	121
1. Introdução	121
2. O que é conhecimento?	123
2.1. Estratégia 1: Manter a definição-padrão	131
2.2. Estratégia 2: Suplementar a definição-padrão	132
2.2.1. Nenhuma falsidade relevante	133
2.2.2. Anulação	134
2.3. Estratégia 3: Reajustar a análise tripartite	135
2.3.1. A teoria casual	135
2.3.2. A teoria da confiabilidade	137
2.4. Reflexões finais sobre o conhecimento	138
3. Razão e racionalidade	141
3.1. Três noções sobre razão e racionalidade	141
3.2. Racionalidade como justificação ou aval	142
3.2.1. Racionalidade e verdade	142
3.2.2. Racionalidade e valores epistêmicos	142
3.2.3. Graus de racionalidade	144
<i>Resumo do capítulo</i>	145
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	146
4. O PROBLEMA DO CETICISMO	148
1. Introdução	148
2. Variedades do ceticismo	151
3. Argumentos a favor do ceticismo	156
3.1. O argumento do erro e da falibilidade	156
3.2. Gênios malignos, argumentos cérebro-no-tanque e a possibilidade de erro	156
3.3. Os argumentos de transferência da justificação	157
4. Uma crítica do ceticismo	157

4.1. Ceticismo e o problema do critério.....	157
4.2. Breves respostas aos principais argumentos céticos.....	162
5. A epistemologia do desacordo entre pares.....	163
6. Naturalismo evolucionário e nossa capacidade noética.....	168
<i>Resumo do capítulo.....</i>	175
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	176
5. A ESTRUTURA DA JUSTIFICAÇÃO.....	177
1. Introdução.....	177
2. Fundacionalismo.....	179
2.1. Apresentação do fundacionalismo.....	180
2.1.1. Basicidade apropriada e os fundamentos.....	180
2.1.2. O relacionamento entre crenças básicas e não básicas.....	183
2.2. Argumentos a favor do fundacionalismo.....	185
2.2.1. O papel da experiência e das crenças perceptivas na justificação.....	185
2.2.2. Verdades de razão.....	187
2.2.3. O argumento da regressão.....	187
2.3. Argumentos contra o fundacionalismo.....	188
2.3.1. Incorrigibilidade dos fundamentos.....	188
2.3.2. Toda percepção é teoricamente carregada.....	192
2.3.3. A transferência da justificação.....	192
3. Coerentismo.....	193
3.1. Apresentação do coerentismo.....	193
3.1.1. O coerentismo e a pressuposição doxástica.....	194
3.1.2. Nenhuma assimetria entre crenças básicas e não básicas.....	194
3.1.3. A natureza da própria coerência.....	195
3.1.4. Variedades de teorias da coerência.....	196
3.2. Avaliação do coerentismo.....	196
4. Epistemologia da virtude.....	202
<i>Resumo do capítulo.....</i>	203
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	204
6. TEORIAS DA VERDADE E PÓS-MODERNISMO.....	206
1. Introdução.....	206
2. Teorias da verdade.....	207
2.1. Questões preliminares.....	207
2.2. A teoria da correspondência da verdade.....	212
2.3. A teoria da verdade coerentista.....	224
2.4. A teoria pragmática da verdade.....	226

3. Pós-modernismo	227
3.1. Caracterização geral do pós-modernismo.....	228
3.1.1. Pós-modernismo e realismo metafísico.....	229
3.1.2. Rejeição da teoria da correspondência da verdade	229
3.1.3. Racionalidade e conhecimento	230
3.1.4. Antifundacionalismo.....	230
3.1.5. Antiessencialismo e nominalismo	231
3.1.6. Linguagem, significado e pensamento.....	232
3.1.7. Sem metanarrativas	234
3.2. A avaliação do pós-modernismo	234
<i>Resumo do capítulo.....</i>	238
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	239

7. EPISTEMOLOGIA RELIGIOSA	240
1. Introdução	240
2. O positivismo e o pressuposto do ateísmo	240
3. Crença religiosa sem aval	246
4. Aval sem evidência	249
5. Avaliação da epistemologia religiosa de Plantinga.....	256
<i>Resumo do capítulo.....</i>	262
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	263

TERCEIRA PARTE: METAFÍSICA

8. O QUE É METAFÍSICA?	267
1. Introdução	267
2. Principais ramos da metafísica	268
2.1. Ontologia geral	269
2.2. Metafísica especial.....	273
3. Métodos de abordagem na metafísica.....	273
4. A disputa entre naturalistas e ontologistas.....	280
<i>Resumo do capítulo.....</i>	283
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	284
9. ONTOLOGIA GERAL: EXISTÊNCIA, IDENTIDADE E REDUCIONISMO	285
1. Introdução	285
2. A natureza da existência	285
2.1. O ser é um gênero?	286
2.2. Teorias da existência	287

2.2.1. Cinco características de uma apropriada teoria da existência	287
2.2.2. Diferentes teorias sobre o que é a existência em si mesma	288
2.2.3. Observações finais sobre a existência.....	291
3. A natureza da identidade	294
3.1. A natureza geral da identidade em si	295
3.2. Declarações de identidade	299
4. Substituição e reducionismo.....	301
<i>Resumo do capítulo.....</i>	305
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	306
10. ONTOLOGIA GERAL: DUAS CATEGORIAS: PROPRIEDADE E SUBSTÂNCIA.....	308
1. Introdução	308
2. Propriedades	309
2.1. Três concepções sobre as propriedades.....	309
2.2. As propriedades e o debate sobre o naturalismo	311
2.3. Avaliando as três concepções.....	316
3. Substâncias	323
3.1. A concepção tradicional de substância	323
3.1.1. A posse das propriedades.....	324
3.1.2. Unidade e totalidade simultâneas	324
3.1.3. Identidade e uniformidade absoluta através da mudança ...	327
3.1.4. Lei e mudança legiforme.....	327
3.1.5. A unidade do próprio tipo natural	328
3.1.6. Causalidade final.....	328
3.1.7. O problema da individuação	329
3.2. Substâncias <i>versus</i> coisas-propriedade.....	330
3.3. A teoria do feixe relativa à substância	335
3.3.1. Uma formulação da concepção.....	335
3.3.2. Uma avaliação da concepção.....	336
4. Um último ponto a considerar	338
<i>Resumo do capítulo</i>	338
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	339
11. O PROBLEMA MENTE-CORPO 1A: DUALISMO DE CONSCIÊNCIA E DE PROPRIEDADE OU DUALISMO DE PROPRIEDADE SIMPLES	340
1. Introdução	341
2. Questões preliminares.....	342
2.1. O(s) problema(s) mente-corpo.....	342

2.2. Estratégias dualistas relativas à consciência e à alma	346
3. Uma visão geral da consciência	347
4. Argumentos a favor do dualismo de propriedade ou dualismo de propriedade simples e da natureza imaterial dos estados mentais	354
4.1. Diferenças claras entre propriedades/estados conscientes e físicos	354
4.2. O argumento do conhecimento	356
4.3. Consciência e intencionalidade	359
5. Argumentos contra o dualismo	362
5.1. O problema da interação	362
5.2. O dualismo é incompatível com a teoria naturalista-evolutiva...	365
5.3. O dualismo foi descartado pela navalha de Ockham.....	366
5.4. Descobertas neurocientíficas tornam o dualismo bastante implausível.....	367
<i>Resumo do capítulo.....</i>	369
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	369

12. O PROBLEMA MENTE-CORPO 1B: ALTERNATIVAS FISCALISTAS AO DUALISMO

DE PROPRIEDADE OU DUALISMO DE PROPRIEDADE SIMPLES.....	371
1. Introdução	371
2. Diferentes formas de fiscalismo com relação à consciência.....	375
2.1. Behaviorismo filosófico	375
2.2. A teoria da identidade tipo-tipo (Concepção hardware 1).....	379
2.3. A teoria da identidade símbolo-símbolo (Concepção hardware 2).....	379
2.4. Funcionalismo (Concepção software).....	384
2.5. Materialismo eliminativo	389
2.6. Fiscalismo não redutivo.....	391
3. O impulso intelectual essencial subjacente ao fiscalismo	394
<i>Resumo do capítulo.....</i>	401
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	402

13. O PROBLEMA MENTE-CORPO 2A: ARGUMENTOS SOBRE A QUESTÃO E VERSÕES

DE DUALISMO DE SUBSTÂNCIA	404
1. Introdução	404
2. Estrutura metafísica para análise da alma.....	405
3. Defendendo o dualismo de substância genérica	407
3.1. Nossa consciência básica do eu	407
3.2. A alma, o <i>eu</i> dêitico e a perspectiva de primeira pessoa	409
3.3. A alma e a unidade da consciência	410

3.4. O argumento modal	413
3.5. Livre-arbítrio, moralidade, responsabilidade e punição.....	417
3.6. Uniformidade do eu com o passar do tempo.....	420
4. Três versões de dualismo de substância.....	425
4.1. Dualismo cartesiano.....	425
4.1.1. A mente substitui a alma	425
4.1.2. O corpo.....	426
4.1.3. A relação mente-corpo	426
4.1.4. Três argumentos contra o dualismo cartesiano	426
4.2. Dualismo semelhante ao tomista/aristotélico.....	429
4.2.1. A alma	429
4.2.2. O corpo e a relação corpo-alma	431
4.2.3. Uma objeção ao dualismo semelhante ao tomista/ aristotélico: é um modelo de vitalismo abandonado.....	434
4.3. Dualismo de substância de Hasker.....	435
4.3.1. A perspectiva de Hasker.....	435
4.3.2. Uma resposta ao dualismo de substância de Hasker	436
5. Alma humana e alma animal.....	439
5.1. A alma humana.....	440
5.1.1. Cinco estados da alma	440
5.1.2. Faculdades da alma	440
5.1.3. Mente e espírito	442
5.2. A alma animal	442
5.2.1. A realidade das almas animais	442
5.2.2. Como determinamos a natureza das almas animais?	443
5.2.3. A natureza da alma animal	444
<i>Resumo do capítulo.....</i>	<i>445</i>
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	<i>446</i>

14. O PROBLEMA MENTE-CORPO 2B: AS PRINCIPAIS ALTERNATIVAS FISCALISTAS AO

DUALISMO DE SUBSTÂNCIA	447
1. Introdução	447
2. Animalismo.....	448
2.1. A perspectiva.....	448
2.2. Avaliando o animalismo	449
3. Constitucionalismo material	457
3.1. A perspectiva.....	457
3.2. Avaliando a perspectiva.....	459
4. A perspectiva do ser como cérebro.....	466
4.1. A perspectiva.....	466

4.2. Avaliando a perspectiva.....	467
5. Teoria da minhoca: Somos pedaços de matéria quadridimensionais	470
5.1. A perspectiva.....	470
5.2. Avaliando a perspectiva.....	472
<i>Resumo do capítulo</i>	477
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	477
15. LIVRE-ARBÍTRIO E DETERMINISMO	478
1. Introdução	478
2. Liberdade compatibilista e libertária	480
2.1. Comparação geral	480
2.2. Cinco áreas de comparação entre compatibilismo e libertarismo	483
2.2.1. A condição de capacidade.....	483
2.2.2. A condição de controle	485
2.2.3. A condição de racionalidade	490
2.2.4. Causação	493
2.2.5. A pessoa como agente	495
2.3. Duas questões finais	496
2.3.1. O problema do fatalismo.....	496
2.3.2. As descobertas de Benjamin Libet	497
<i>Resumo do capítulo</i>	500
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	501
16. IDENTIDADE PESSOAL E VIDA APÓS A MORTE	503
1. Introdução	503
2. A identidade dos artefatos físicos através da mudança	506
3. Três concepções de identidade pessoal	509
3.1. Definições das perspectivas	509
3.2. Avaliação das perspectivas	513
3.2.1. Argumentos a favor da perspectiva absolutista	513
3.2.2. Argumentos contra a perspectiva absolutista.....	522
3.2.3. Uma palavra final sobre as experiências do pensamento e da imaginação	524
<i>Resumo do capítulo</i>	525
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	526

QUARTA PARTE: FILOSOFIA DA CIÊNCIA

17. METODOLOGIA CIENTÍFICA	529
1. Introdução	529

2. Ciência e filosofia da ciência	530
3. A epistemologia da ciência: Metodologia científica	532
3.1. Indutivismo	533
3.2. Um modelo eclético de metodologia científica	538
<i>Resumo do capítulo</i>	552
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	552
18. O DEBATE REALISMO-ANTIRREALISMO.....	554
1. Introdução	554
2. Realismo científico.....	556
2.1. Visão geral do realismo científico.....	556
2.2. Explicação do realismo científico	557
2.3. Avaliação do realismo científico.....	561
2.3.1. Suporte positivo	561
2.3.2. Objeções ao realismo científico.....	563
3. Antirrealismo	567
3.1. Não realismo racional (instrumentalismo)	567
3.2. Não realismo não racional.....	573
4. A integração e o debate realista-antirrealista.....	575
<i>Resumo do capítulo</i>	579
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	580
19. A FILOSOFIA E A INTEGRAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TEOLOGIA.....	581
1. Introdução	581
2. Cientificismo	581
3. Modelos para integrar ciência e teologia.....	586
4. Ciência teísta e naturalismo metodológico	590
4.1. Opções teológicas na controvérsia criação-evolução	590
4.2. Ciência teísta.....	592
4.3. Ciência natural e naturalismo metodológico	597
4.4. Duas objeções finais sobre a ciência teísta.....	603
<i>Resumo do capítulo</i>	608
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	608
20. FILOSOFIA DO TEMPO E ESPAÇO	609
1. Introdução	609
2. A relatividade e o conceito clássico de tempo	610
3. A realidade do tempo dinâmico e da transformação temporal.....	624
<i>Resumo do capítulo</i>	638
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	639

QUINTA PARTE: ÉTICA

21. ÉTICA, MORALIDADE E METAÉTICA	643
1. Introdução	643
2. A moralidade e o campo da ética	644
2.1. A natureza da moralidade	644
2.2. O campo da ética	647
3. A metaética e o significado de enunciados morais	648
3.1. Teorias não cognitivas	649
3.2. Teorias cognitivistas	652
3.2.1. Teorias subjetivistas	652
3.2.2. Teorias objetivistas	653
4. Por que eu devo ser moral?	656
<i>Resumo do capítulo</i>	658
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	659
22. RELATIVISMO ÉTICO E ABSOLUTISMO	660
1. Introdução	660
2. Relativismo ético	661
2.1. Fatos e valores	661
2.2. Seis teses associadas ao relativismo ético	664
2.2.1. Relativismo cultural ou descritivo	664
2.2.2. Relativismo normativo ou ético	665
2.2.3. Relativismo metaético	669
2.2.4. Ceticismo ético	669
2.2.5. Relativismo combinatório	671
2.2.6. O princípio de tolerância	673
3. Absolutismo	674
3.1. A natureza do absolutismo	674
3.2. Estratégias para defender a existência de absolutos morais	681
<i>Resumo do capítulo</i>	683
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	683
23. TEORIAS ÉTICO-NORMATIVAS 1: EGOÍSMO E UTILITARISMO	685
1. Introdução	685
2. Egoísmo ético	686
2.1. Exposição do egoísmo ético	686
2.2. Argumentos a favor do egoísmo ético	687
2.3. Argumentos contra o egoísmo ético	689
2.4. Cristianismo e egoísmo ético	694

3. Utilitarismo	696
3.1. Teorias utilitaristas de valor	697
3.2. O princípio da utilidade.....	701
3.3. Diferentes formas de utilitarismo	704
<i>Resumo do capítulo.....</i>	<i>710</i>
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	<i>711</i>
24. TEORIAS ÉTICO-NORMATIVAS 2: ÉTICA DEONTOLÓGICA E ÉTICA DA VIRTUDE	712
1. Introdução	712
2. Ética deontológica	713
2.1. Teoria deontológica do valor.....	713
2.2. Ética deontológica e a natureza das regras morais.....	716
2.3. Avaliação da ética deontológica	718
3. Ética da virtude.....	723
3.1. Explicação da ética da virtude	724
3.2. Avaliação da ética da virtude.....	726
<i>Resumo do capítulo.....</i>	<i>729</i>
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	<i>730</i>
SEXTA PARTE: FILOSOFIA DA RELIGIÃO E TEOLOGIA FILOSÓFICA	
25. A EXISTÊNCIA DE DEUS 1	733
1. Introdução	733
2. A existência de Deus.....	735
2.1. O argumento cosmológico	735
2.1.1. Exposição dos argumentos	735
2.1.2. Avaliação dos argumentos.....	737
<i>Resumo do capítulo.....</i>	<i>756</i>
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	<i>757</i>
26. A EXISTÊNCIA DE DEUS 2	758
1. O argumento teleológico	758
2. O argumento axiológico	769
3. O argumento ontológico.....	777
<i>Resumo do capítulo.....</i>	<i>781</i>
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	<i>782</i>
27. A COERÊNCIA DO TEÍSMO 1.....	784
1. Introdução	784
2. Necessidade	785

3. Asseidade	788
4. Incorporeidade	790
5. Onipresença	793
6. Eternidade	795
<i>Resumo do capítulo</i>	801
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	803
28. A COERÊNCIA DO TEÍSMO 2	804
1. Onisciência	804
2. Simplicidade.....	813
3. Imutabilidade	816
4. Onipotência.....	817
5. Bondade	820
<i>Resumo do capítulo</i>	824
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	826
29. O PROBLEMA DO MAL	828
1. Introdução	828
2. O problema intelectual do mal.....	829
2.1. O problema interno do mal.....	829
2.1.1. A versão lógica.....	830
2.1.2. A versão probabilística.....	835
2.2. O problema externo do mal	844
3. O problema emocional do mal.....	847
<i>Resumo do capítulo</i>	849
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	850
30. CRIAÇÃO, PROVIDÊNCIA E MILAGRE	851
1. <i>Creatio ex nihilo</i>	851
2. Providência	860
3. Milagre	867
<i>Resumo do capítulo</i>	876
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	877
31. DOCTRINAS CRISTÃS 1: A TRINDADE	878
1. Introdução	878
2. Fundo histórico	881
2.1. Cristologia do Logos.....	881
2.2. Modalismo	882

2.3. Arianismo	885
2.4. Modelos da Trindade.....	888
3. Avaliação dos modelos.....	893
3.1. Trinitarismo antissocial	893
3.2. Trinitarismo social	894
3.2.1. Monoteísmo funcional	895
3.2.2. Monoteísmo da mente grupal.....	896
3.2.3. Monoteísmo trinitário	897
<i>Resumo do capítulo.....</i>	905
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	905
32. DOCTRINAS CRISTÃS 2: A ENCARNAÇÃO	907
1. Introdução	907
2. As controvérsias cristológicas	908
3. Controvérsias cristológicas posteriores	914
3.1. Cristologia luterana.....	914
3.2. Cristologia reformada.....	915
3.3. Cristologia quenótica	916
4. Uma proposta de cristologia.....	919
<i>Resumo do capítulo</i>	928
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	929
33. DOCTRINAS CRISTÃS 3: A EXPIAÇÃO.....	930
1. Introdução	930
2. Substituição penal	932
2.1. Definição de punição	933
2.1.1. A suposta incoerência da substituição penal.....	934
2.1.2. Respostas à suposta incoerência da substituição penal....	935
2.2. Justificação da punição	941
2.2.1. A suposta injustiça da substituição penal	941
2.2.2. Respostas à suposta injustiça da substituição penal	942
3. Satisfação da justiça divina	946
3.1. A suposta insatisfatoriedade da substituição penal.....	947
3.2. Respostas à suposta insatisfatoriedade da substituição penal	948
4. Redenção	951
5. Influência moral	952
<i>Resumo do capítulo.....</i>	953
<i>Lista de termos e conceitos básicos.....</i>	953

34. DOCTRINAS CRISTÃS 4: O PARTICULARISMO CRISTÃO	954
1. Introdução	954
2. O problema proposto pela diversidade religiosa	956
3. Análise do problema	963
<i>Resumo do capítulo</i>	968
<i>Lista de termos e conceitos básicos</i>	969

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO BRASILEIRA

Mais uma vez, Edições Vida Nova reafirma seu papel de incentivadora e promotora de um cristianismo comprometido com a mente e o espírito. Cremos piamente nesta máxima de Anselmo da Cantuária (1033-1109): “Não estudamos para crer; estudamos porque cremos”. Essas palavras refletem precisamente o espírito desta publicação.

Filosofia e cosmovisão cristã. Para alguns, parece antitético estabelecer uma relação amigável entre filosofia e cosmovisão cristã. Preferem a disjunção naturalmente excludente — *ou* filosofia, *ou* cosmovisão cristã —, como se ambas fossem inconciliáveis. Estamos convencidos, porém, de que a conjunção é o melhor caminho a ser seguido, e com isso juntamos nossa voz à dos autores deste livro, que, além de filósofos, são também teólogos respeitadíssimos nos círculos acadêmicos internacionais.

Trazer a filosofia para o território da teologia não significa que estamos nos rendendo indiscriminadamente a todo e qualquer tipo de sistema filosófico. Há na história da filosofia um número significativo de filósofos cristãos, muitos dos quais criam que a teologia é a maturação da filosofia. Esta era vista como serva daquela. Na condição de serva, cabia-lhe auxiliar a teologia em suas ponderações sobre a divindade e sua relação com o mundo. A serva, contudo, emancipou-se, assumindo ares de grandeza, passando a desprezar aquela a quem serviu por longos anos. Esse desprezo atingiu seu ápice no “pós-modernismo”.

Os autores estão comprometidos com o cristianismo histórico. Reconhecem que o mundo precisa de teologia, mas também de filosofia, uma filosofia cristã que permeie todos os setores da sociedade. Estão convencidos, e com isso também concordamos, de que é preciso “salvar a alma e salvar a mente”. A conversão não dissocia os aspectos espiritual e mental. Se, por um lado, “O mundo precisa de filosofia”, como afirmou o filósofo Eduardo Prado de Mendonça, por outro, como disse o teólogo Joaquim Cardoso de Oliveira, “O mundo necessita, urgentemente, de teologia”. Os autores deste livro seguem a via média (chamada por Aristóteles de “O caminho de ouro”): precisamos integrar filosofia e teologia.

Este não é o primeiro livro de Edições Vida Nova sobre o tema. Já publicamos *Introdução à filosofia*, de Norman Geisler, *Filosofia e fé cristã*, de Colin Brown, e *Filosofia para iniciantes*, de R. C. Sproul.¹ Por que mais um livro sobre filosofia? Quando esses livros foram escritos, o mundo ainda não conhecia acuradamente o “pós-modernismo”. Embora a ideia de “pós-modernidade” tenha surgido no mundo hispânico na década de 1930, e tempos depois nos Estados Unidos e na Inglaterra, esse conceito veio a ser amplamente difundido só no final da década de 1970, com a publicação do livro *A condição pós-moderna*,² de Jean-François Lyotard. Mas foi na década de 1990 que o pós-modernismo avançou mundo afora. A obra de Colin Brown foi escrita originariamente em 1968 (1983 em português); a de Geisler, em 1980 (1983 em português). Ambos trabalharam aspectos gerais relacionados à filosofia e não havia nenhum diálogo direto com o pensamento pós-moderno. E a obra de Sproul, mesmo publicada originariamente em 2000 (2002 em português), é voltada para iniciantes, sem aprofundamento em temas relevantes para o discurso filosófico, sendo tão somente de caráter informativo, uma espécie de radiografia histórica da filosofia do Ocidente. Cada um mantém seu valor de acordo com a proposta inicial e as três ainda se mantêm relevantes para os círculos acadêmicos.

Filosofia e cosmovisão cristã, contudo, vai além dessas obras. Não bastasse ser mais atual, é também muito mais abrangente. É bem mais acadêmica: uma obra extensa, cobrindo uma ampla área de assuntos em epistemologia, metafísica, filosofia da ciência, ética e filosofia da religião, além de regras básicas de raciocínio. A intenção dos autores é lançar objeções às principais ideias do pós-modernismo. E aqui está o maior e verdadeiro diferencial desta obra. Por essas e outras razões, Edições Vida Nova decidiu publicar este livro altamente relevante para a reflexão sobre a interação entre teologia e filosofia com o objetivo de minar o avanço do pensamento pós-moderno. Os cristãos não podem aceitar a condição de serem postos na “periferia da existência intelectual”.

O leitor verá que o foco dos autores está no meio acadêmico, mas não exclusivamente. Estas palavras marcam a tônica desta publicação:

O cristão comum não percebe que há uma batalha intelectual sendo travada nas universidades, nas revistas especializadas e nos círculos profissionais.

¹*Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2017); *Filosofia e fé cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2007); *Filosofia para iniciantes* (São Paulo: Vida Nova, 2002).

²Jean-François Lyotard, *La condition postmoderne* (Les Éditions de Minuit, 1979) [edição em português: *A condição pós-moderna*, tradução de Ricardo Corrêa Barbosa (Rio de Janeiro: José Olympio, 2009)].

O naturalismo iluminista e o antirrealismo pós-moderno uniram-se em uma aliança profana contra uma cosmovisão amplamente teísta e especificamente cristã. Os cristãos não podem ficar indiferentes ao resultado dessa luta, pois a instituição específica mais importante que forma a cultura ocidental é a universidade. Nela, futuros líderes políticos, jornalistas, professores, executivos empresariais, advogados e artistas serão instruídos. É na universidade que eles formularão ou, o que é ainda mais provável, simplesmente absorverão a cosmovisão que moldará a vida deles. E, como eles são os formadores de opinião e os líderes que influenciam nossa cultura, a cosmovisão que assimilarem na universidade será a que formatará a cultura. Se a cosmovisão cristã pudesse ser restabelecida ao lugar de destaque e respeito na universidade, isso teria um efeito de fermentação no meio da sociedade. Se mudarmos a universidade, mudaremos nossa cultura por intermédio dos que a moldam.

[...]

Uma das desafiadoras tarefas dos filósofos cristãos é ajudar a mudar a tendência intelectual contemporânea de tal modo que se favoreça um ambiente sociocultural em que a fé cristã possa ser considerada uma opção intelectualmente aceitável por homens e mulheres esclarecidos.

[...]

Filósofos cristãos, ao influenciar a filosofia de várias disciplinas, podem ajudar dessa maneira a modelar o pensamento da universidade inteira, de tal modo que se predisponham as futuras gerações de líderes à recepção do evangelho (p. 32-4).

É importante ressaltar que J. P. Moreland e William Lane Craig estão envolvidos não só no ensino, mas também na evangelização em *campi* universitários. Eles não são apenas teóricos, mas põem esses princípios em prática.

Além do mundo acadêmico, os autores também estão convencidos de que a formação filosófica é importante no ministério pastoral. E citam como exemplo John Wesley. O líder cristão deve ser alguém qualificado para ensinar as Escrituras e familiarizado com a história, a filosofia e a ciência de seus dias.

Há outro grupo contemplado pelos autores, além dos estudiosos e dos ministros religiosos: os leigos. Estes também devem se beneficiar do conhecimento filosófico, comprometendo-se intelectualmente com a reforma da cultura anticristã.

Nós de Edições Vida Nova estamos plenamente convencidos de que este livro será altamente benéfico na formação filosófica de acadêmicos, ministros e leigos cristãos. Não é um livro de fácil leitura, mas é leitura obrigatória para todos os cristãos. Trata-se de um solo fértil para discussões.

E por falar em discussão, precisamos alertar o leitor quanto a um ponto controverso desta publicação. Reconhecemos o valor da obra para o meio acadêmico;

o conteúdo é, sem dúvida, altamente relevante e desafiador. No entanto, os autores expõem ideias que se chocam com o que o cristianismo vem defendendo há séculos. A controvérsia diz respeito à dupla natureza de Cristo e ao “monotelismo cristológico” (cap. 32). Ao longo do desenvolvimento da teologia cristã, a igreja vem defendendo a visão de que Jesus Cristo tinha duas naturezas: humana e divina. Uma só pessoa e duas naturezas. Cada natureza mantém suas particularidades. A divina é eterna, incriada, ilimitada etc. A humana é temporal, criada, limitada etc. A natureza divina tem uma vontade divina e a natureza humana tem uma vontade humana, já que Jesus, na encarnação, assumiu a natureza humana por completo, corpo e alma, com exceção do pecado. Os autores, entretanto, defendem uma posição que entra em choque com essa posição tradicional e predominante. Eles são partidários do “apolinarismo” (Craig designa sua perspectiva cristológica de “neoapolinarismo”) e, por consequência, do “monotelismo”, pensamento segundo o qual Jesus tinha uma só vontade, a divina, visto que o Logos fazia as vezes da alma em Jesus; ele não tinha, portanto, uma alma humana. Essas concepções foram declaradas heréticas no Primeiro Concílio de Constantinopla em 381 d.C. (o apolinarismo) e no Terceiro Concílio de Constantinopla em 681 d.C. (o monotelismo).

Apesar de defenderem tais posições, os autores afirmam que não pretendem fechar a discussão sobre esses assuntos. Mesmo assim, julgamos ser necessário avisar nossos leitores quanto a esses tópicos controversos. No capítulo 32, o leitor encontrará uma nota de rodapé que, além da apresentação das ideias dos autores, também remete o leitor à leitura da obra *Teologia sistemática*, de Wayne Grudem, publicada por esta editora.³ Trata-se de uma teologia sistemática que refuta os pontos controversos acima expostos, apresentando a visão mais aceita ao longo da história da igreja.

Embora essas posições controversas não reflitam o ponto de vista desta Editora, reconhecemos, outrossim, o valor do confronto de ideias, já que este faz parte da dinâmica acadêmica. Edições Vida Nova incentiva o exercício dialético, embora defenda a visão tradicional sobre a cristologia conforme esboçada por Wayne Grudem.

Por fim, desejamos a todos os leitores uma excelente leitura. Que este livro seja um instrumento de ampliação e crescimento intelectual e espiritual.

OS EDITORES
Maio de 2005

³São Paulo: Vida Nova, 2003.

PREFÁCIO

Estamos profundamente gratos pelo amplo sucesso de nossa primeira edição, tanto como um texto adotado em colégios, universidades e seminários quanto para uso individual. Temos sido encorajados pelo parecer que constantemente recebemos, de que a obra tem fortalecido cristãos e ajudado em sua caminhada com Deus. Contudo, muito do que tem acontecido no campo da filosofia é especialmente relevante para educar discípulos e pensadores cristãos. Por isso, apresentamos esta edição revisada e atualizada. Para evitar um aumento desnecessário ao livro, fomos seletivos a respeito do conteúdo adicionado. Acreditamos que o resultado é uma segunda edição nova e ampliada de *Filosofia e cosmovisão cristã* que está significativamente melhorada. Ambos os autores estamos entusiasmados a respeito da nova versão.

Esta é a lista das principais mudanças que fizemos: comentários adicionais a respeito da verdade e veritadores no capítulo 6, seção 2.2; meticulosas revisões nos capítulos 11 e 12; dois capítulos completamente novos sobre as versões do dualismo de substância no capítulo 13 e alternativas fiscalistas ao dualismo de substância no capítulo 14; uma avaliação sobre as conclusões de Benjamin Libet no capítulo 15, seção 2.3.2; importante evidência cosmogônica atualizada em relação ao argumento cosmológico *kalam* e ao argumento teleológico oriundo do ajuste fino cósmico, no capítulo 23; uma nova e mais completa taxonomia das concepções de Deus e objetos abstratos referentes à asseidade divina, conforme discutido no capítulo 24; um capítulo completamente novo sobre a doutrina da expiação (capítulo 23), uma completa discussão sobre a Trindade e a encarnação; e referências atualizadas, adicionadas ao longo da bibliografia.

Desfrute desta nova e incrível edição. Você terá de trabalhar com afinco para poder aproveitar o conteúdo das páginas a seguir. Não se trata de uma leitura que se faz antes de dormir! Contudo, os resultados em sua própria vida e em sua capacidade de falar em nome de Cristo de maneira cativante e esclarecida farão valer o esforço.

J. P. MORELAND e
WILLIAM LANE CRAIG

UM CONVITE À FILOSOFIA CRISTÃ

1. POR QUE A FILOSOFIA É IMPORTANTE

Em 1980, em um dia claro de outono, quarenta quilômetros a oeste de Chicago, em Wheaton, Illinois, Charles Malik, importante acadêmico e estadista, subiu ao palanque para proferir o discurso de inauguração do novo Billy Graham Center, no campus da Wheaton College. O tema apresentado foi “As duas tarefas da evangelização”. O que ele disse deve ter chocado os ouvintes. Ele declarou que enfrentamos duas tarefas em nossa evangelização: “salvar a alma e salvar a mente”, isto é, converter as pessoas não apenas espiritualmente, mas também intelectualmente. Ele advertiu que a igreja está ficando perigosamente para trás em relação à segunda tarefa. Devemos refletir atentamente nestas palavras de Malik:

Devo ser franco com vocês: o anti-intelectualismo é o maior perigo que o cristianismo evangélico americano enfrenta. A mente, compreendida em suas maiores e mais profundas faculdades, não tem recebido suficiente atenção. No entanto, a formação intelectual não ocorre sem uma completa imersão, durante anos, na história do pensamento e do espírito. Os que estão com pressa de sair da universidade e começar a ganhar dinheiro, trabalhar na igreja ou pregar o evangelho não têm ideia do valor infinito de gastar anos dedicados à conversação com as maiores mentes e almas do passado, desenvolvendo, aprofundando e aumentando o seu poder de pensamento. O resultado é que o terreno do pensamento criativo é abandonado e entregue ao inimigo. Quem, entre os evangélicos, pode enfrentar os grandes pensadores seculares em seus próprios termos acadêmicos? Quem, entre os estudiosos evangélicos, é citado pelas maiores autoridades seculares como fonte normativa de história, filosofia, psicologia, sociologia ou política? O modo evangélico de pensar tem uma mínima oportunidade de se tornar dominante nas grandes universidades da Europa e da América que modelam toda a nossa civilização com seu espírito e suas ideias? Por uma maior eficácia no testemunho de Jesus Cristo, bem como

em favor de sua causa, os evangélicos não podem se dar ao luxo de continuar vivendo na periferia da existência intelectual responsável.¹

Essas palavras golpearam como um martelo. O cristão comum não percebe que há uma batalha intelectual sendo travada nas universidades, nas revistas especializadas e nos círculos profissionais. O naturalismo iluminista e o antirrealismo pós-moderno uniram-se em uma aliança profana contra uma cosmovisão amplamente teísta e especificamente cristã. Os cristãos não podem ficar indiferentes ao resultado dessa luta, pois a instituição específica mais importante que forma a cultura ocidental é a universidade. Nela, futuros líderes políticos, jornalistas, professores, executivos empresariais, advogados e artistas serão instruídos. É na universidade que eles formularão ou, o que é ainda mais provável, simplesmente absorverão a cosmovisão que moldará a vida deles. E, como eles são os formadores de opinião e os líderes que influenciam nossa cultura, a cosmovisão que assimilarem na universidade será a que formará a cultura. Se a cosmovisão cristã pudesse ser restabelecida ao lugar de destaque e respeito na universidade, isso teria um efeito de fermentação no meio da sociedade. Se mudarmos a universidade, mudaremos nossa cultura por intermédio dos que a moldam.

Por que isso é importante? Simplesmente, porque o evangelho nunca é ouvido no isolamento. Ele sempre é recebido dentro do contexto cultural. Alguém que cresceu em um ambiente cultural no qual o cristianismo ainda é visto como uma opção intelectualmente viável exibirá uma abertura para o evangelho que uma pessoa secularizada não apresenta. Qualquer um poderia dizer a uma pessoa secularizada para acreditar em fadas ou duendes tanto quanto em Jesus Cristo! Ou, para oferecer uma ilustração mais realista, algo como quando somos abordados na rua por um devoto do movimento Hare Krishna que nos convida a acreditar em Krishna. Tal convite nos soa estranho, esquisito, talvez até mesmo divertido. Mas, para uma pessoa nas ruas de Bombaim, tal convite, espera-se, parecerá bastante razoável, e será motivo de séria reflexão. Os evangélicos aparentam ser menos estranhos para as pessoas nas ruas de Bonn, Londres ou Nova York do que os devotos de Krishna?

Uma das desafiadoras tarefas dos filósofos cristãos é ajudar a mudar a tendência intelectual contemporânea de tal modo que se favoreça um ambiente sociocultural em que a fé cristã possa ser considerada uma opção

¹Charles Malik, "The other side of evangelism", *Christianity Today*, November 7, 1980, p. 40. Para o discurso original, veja Charles Malik, *The two tasks* (Wheaton: Billy Graham Center, 2000).

intelectualmente aceitável por homens e mulheres esclarecidos. Como o grande teólogo de Princeton, J. Gresham Machen, explicou:

Deus normalmente mostra seu poder [regenerador] em relação com certas condições prévias da mente humana, e nossa tarefa deveria ser criar, tanto quanto possível e com a ajuda de Deus, essas condições favoráveis para a recepção do evangelho. Falsas ideias são os maiores obstáculos à recepção do evangelho. Podemos orar com toda a intensidade de um reformador e, mesmo assim, só obter sucesso ganhando um desviado aqui e ali, se permitirmos que o pensamento coletivo de toda uma nação ou do mundo seja controlado por meio de ideias que, pela irresistível força da lógica, impeça o cristianismo de ser considerado algo além de uma ilusão inofensiva.²

Sendo fundamental a toda disciplina universitária, a filosofia é a matéria mais estratégica a ser persuadida para Cristo. O próprio Charles Malik percebeu e enfatizou a estratégia:

Isso fará que um espírito totalmente diferente supere o grande perigo representado pelo anti-intelectualismo. Por exemplo, digo que esse espírito diferente, tão somente em relação à filosofia — o domínio mais importante para o pensamento e o intelecto —, deve apreciar o imenso valor de passar um ano inteiro intensamente concentrado em nada mais do que *A república* ou *O sofista*, de Platão, ou dois anos em a *Metafísica* ou a *Ética*, de Aristóteles, ou três anos dedicados à *Cidade de Deus*, de Agostinho.³

No entanto, em certo sentido, a teologia, e não a filosofia, é o domínio mais importante para o pensamento e o intelecto. Como os medievais corretamente perceberam, a teologia é a rainha das ciências, a ser estudada como o auge da disciplina somente depois de alguém já haver sido preparado nas outras matérias. Infelizmente, a rainha está atualmente exilada da universidade ocidental. Mas sua criada, a filosofia, ainda tem um lugar na corte e está assim estrategicamente posicionada para agir em nome de sua senhora. A razão para Malik chamar a filosofia, na ausência da rainha, de o mais importante domínio intelectual é porque ela é a mais fundamental das disciplinas, uma vez que examina os pressupostos e as ramificações de toda matéria na universidade — incluindo

²Palestra proferida no dia 20 de setembro de 1912, na abertura da 101.^a sessão do Princeton Theological Seminary; reimpr. em J. Gresham Machen, *What is Christianity?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1951), p. 162.

³Malik, “Other side of evangelism”, p. 40.

a si própria! Toda disciplina terá um campo associado da filosofia para fundamentá-la: filosofia da ciência, filosofia da educação, filosofia do direito, filosofia da matemática etc. A filosofia dessas matérias não é teologicamente neutra. A adoção de pressupostos concordantes com o teísmo cristão ortodoxo, ou hostil a este, terá um importante efeito de propagação por toda a disciplina, e que irá, por sua vez, inclinar seus praticantes a favor ou contra a fé cristã. Filósofos cristãos, ao influenciar a filosofia de várias disciplinas, podem ajudar dessa maneira a modelar o pensamento da universidade inteira, de tal modo que se predisponham as futuras gerações de líderes à recepção do evangelho.

Isso já está acontecendo. Há pouco mais de quatro décadas, uma revolução tem ocorrido na filosofia anglo-americana. Desde o começo dos anos 1960, filósofos cristãos têm se manifestado e defendido a verdade da cosmovisão cristã com argumentos filosoficamente sofisticados nas melhores publicações acadêmicas e em círculos profissionais. E, por consequência, a fisionomia da filosofia anglo-americana tem sido transformada. Em um recente artigo que lamenta “a dessecularização da academia em evolução nos departamentos de filosofia desde o início da década de 1960”, um filósofo ateu observa que, enquanto os teístas de outras disciplinas tendem a isolar de seu trabalho profissional suas convicções de fé, “na calada da noite, tornou-se ‘academicamente respeitável’ defender o teísmo na filosofia, tornando este um favorável campo de entrada para que teístas mais inteligentes e talentosos possam hoje fazer parte da academia”.⁴ Ele reclama que “Os naturalistas assistiram passivamente versões realistas de teísmo [...] comecem a circular no meio da comunidade filosófica, até chegar à situação em que hoje talvez um quarto ou um terço dos professores de filosofia serem teístas, sendo a maioria cristãos ortodoxos”.⁵ Ele conclui: “Deus não está ‘morto’ na academia; ele voltou à vida no início dos anos 1960, está agora vivo e passa bem em seu último reduto acadêmico: os departamentos de filosofia”.⁶

Esse é o testemunho de um proeminente filósofo ateu sobre a mudança ocorrida diante de seus olhos na filosofia anglo-americana. Ele provavelmente exagerou ao calcular entre um quarto e um terço o número de filósofos americanos teístas; mas o que suas estimativas revelam é o impacto percebido por causa dos filósofos cristãos nesse campo. Assim como o exército de Gideão, uma minoria comprometida de ativistas pode ter um impacto proporcionalmente maior do que sua dimensão numérica. O erro principal do filósofo foi ter chamado os departamentos de filosofia de “último reduto” de Deus na

⁴Quentin Smith, “The metaphilosophy of naturalism”, *Philo* 4, n. 2 (2001): 3.

⁵Ibidem.

⁶Ibidem, p. 4.

universidade. Ao contrário, os departamentos de filosofia são as pontas de lança das quais podem ser disseminadas operações para influenciar outras disciplinas na universidade em favor de Cristo, ajudando assim a transformar o ambiente sociocultural em que vivemos.

Mas não são apenas os que planejam atuar profissionalmente na universidade que precisam ser instruídos em filosofia. A filosofia cristã também é uma parte integrante da formação para o ministério cristão. O modelo para nós, aqui, é um homem do tipo de John Wesley, que pregava o reavivamento pela plenitude do Espírito e, ao mesmo tempo, era um estudioso formado em Oxford. Em 1756, Wesley proferiu “Um sermão para o clero”, que recomendamos a todos os futuros ministros no início de seus estudos no seminário. Discutindo que tipo de habilidades um ministro deveria ter, Wesley fez uma distinção entre dons naturais e habilidades adquiridas. E é extremamente instrutivo conhecer o ponto de vista de Wesley sobre quais eram as habilidades que um pastor deveria ter. Uma delas é o conhecimento básico de filosofia. Ele desafiava sua audiência a se perguntar:

Eu sou um razoável mestre em ciências? Eu atravessei o portão de entrada delas, a lógica? Se não, provavelmente não vou muito longe quando deparar com seus umbrais. [...] Ou melhor, será que minha estúpida indolência e minha preguiça me deixaram muito suscetível para acreditar naquilo que cavalheiros elegantes e de pouca inteligência afirmam, “tal lógica não serve para nada”? No mínimo, serve bem para isto: [...] fazer as pessoas falarem menos, ao mostrar-lhes o que é e o que não é em relação a certo ponto; e como é extremamente difícil provar qualquer coisa. Eu compreendo a metafísica? Se não a profundidade dos escolásticos, as sutilezas de um Duns Escoto ou de um Tomás de Aquino, ao menos os rudimentos básicos, os princípios gerais, daquela ciência útil? Se eu conquistei um tanto disso, quão clara ficou minha apreensão e a extensão de minhas ideias dentro da própria cabeça? O suficiente para me permitir ler com facilidade e prazer, além também de modo proveitoso, as obras de Henry More, *Search after truth*, de Malebranche, e *Demonstration of the being and attributes of God* [Demonstração do ser e dos atributos de Deus], do dr. Clarke?⁷

⁷John Wesley, “An address to the clergy”, proferido em 6 de fevereiro de 1756; reimpr. em *The works of John Wesley*, 3. ed. (Grand Rapids: Baker, 1996), 6:217-31. Malebranche, *Search after truth* [edição em português: *A busca da verdade: textos escolhidos* (São Paulo: Discurso/Paulus, 2004)]; Samuel Clarke, *Demonstration of the being and attributes of God* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998).

A ideia que Wesley faz de um pastor é notável: um cavalheiro qualificado nas Escrituras e familiarizado com a história, a filosofia e a ciência de seus dias. Como ficam os pastores que se formam em nossos seminários quando comparados a esse modelo?

Os autores deste livro podem testemunhar pessoalmente a imensa viabilidade e igual indispensabilidade de uma formação filosófica para o ministério cristão. Há muitos anos, estamos envolvidos não só no ensino, mas na evangelização em campi universitários ao lado de grupos como InterVarsity Christian Fellowship, Campus Crusade for Christ e Veritas Forum. Frequentemente, constatamos o valor prático dos estudos filosóficos para alcançar os estudantes para Cristo. Desde questões que tratam do significado da vida ou da base dos valores morais, até os problemas sobre o sofrimento e o mal, passando pelo desafio do pluralismo religioso, estudantes estão fazendo profundas perguntas filosóficas que são muito mais difíceis de responder do que de formular. Eles merecem uma resposta refletida em lugar de frases de efeito ou apelos ao mistério. A sabedoria convencional diz: “Você não pode usar argumentos para trazer pessoas a Cristo”. Essa não tem sido a nossa experiência. O fato é que há um tremendo interesse entre os estudantes descrentes em ouvir uma apresentação e uma defesa racionais do evangelho, e alguns estarão prontos para responder com a fé em Cristo. Para falar com franqueza, não sabemos como alguém poderia exercer eficazmente seu ministério, de forma pública, em nossos campi universitários sem formação filosófica.

Por fim, não somente estudiosos e ministros se beneficiarão do conhecimento em filosofia, mas também o leigo, que precisa se comprometer intelectualmente para que nossa cultura possa ser efetivamente reformada. Nossas igrejas, por infelicidade, estão superlotadas de pessoas que, na condição de cristãs, desperdiçam seu intelecto. Como observou Malik, elas podem ser espiritualmente regeneradas, mas sua mente não foi convertida: ainda pensam como descrentes. Apesar de seu compromisso cristão, elas continuam sendo basicamente personalidades vazias. O que é uma personalidade vazia? Alguém passivo, empírico, ocupado e apressado, incapaz de desenvolver uma vida interior. Trata-se de alguém especialmente individualista, infantil e narcísico.

Imagine agora uma igreja cheia dessas pessoas. Qual será a compreensão teológica, a coragem evangélica e a penetração cultural dessa igreja? Se a vida interior realmente não importa tanto, por que desperdiçar tempo procurando desenvolver uma vida intelectual e espiritualmente madura? Alguém basicamente passivo não fará qualquer esforço para ler, preferindo antes se divertir. Quando um indivíduo possui uma orientação guiada pelos sentidos, coisas como música, revistas cheias de figuras e mídias visuais em geral

serão portanto mais importantes do que meras palavras em uma página ou pensamentos abstratos. Se a pessoa for apressada e distraída, ela terá pouca paciência para o conhecimento teórico e uma atenção reduzida, incapaz de concentrar-se enquanto uma ideia está sendo cuidadosamente desenvolvida. E se alguém é muito individualista, infantil e narcisista, o que lerá, se é que lê alguma coisa? Livros sobre celebridades cristãs, novelas românticas cristãs que reproduzem o pior que o mundo tem a oferecer, livros de autoajuda cristãos cheios de slogans, moralmente simplistas, repletos de relatos e ilustrações e de diagnósticos inadequados dos problemas que o leitor enfrenta. O que não será lido são os livros que permitem às pessoas desenvolverem uma compreensão bem pensada e teológica da fé cristã, e assumir seu papel na obra maior do reino de Deus. Uma igreja desse tipo ficará impotente para se levantar contra as poderosas forças da secularização que ameaçam arrastar as ideias cristãs na enxurrada do pluralismo irrefletido e do cientificismo desorientado. Essa igreja será tentada a medir seu sucesso basicamente quanto ao número — alcançado por meio da adaptação cultural às personalidades vazias. Desse modo, a igreja acabará se tornando seu próprio coveiro, pois o meio para o seu “sucesso” no curto prazo se transformará, com o correr do tempo, exatamente naquilo que a enterrará.

O que torna o cenário descrito mais doloroso é saber que esse tipo de igreja não faz parte apenas de nossa imaginação; ao contrário, ele descreve muito bem inúmeras igrejas evangélicas hoje. Em razão disso, não há por que se surpreender com o fato de o cristianismo evangélico, apesar de seu renascimento, ter conseguido até agora um impacto cultural tão limitado. David Wells reflete:

O amplo crescimento do número de pessoas de orientação evangélica [...] já deveria ter revolucionado a cultura americana. Com um terço de adultos americanos declarando agora haver experimentado o renascimento espiritual, uma contracorrente poderosa de moralidade, gerando uma cosmovisão potente e alternativa, deveria estar se expandindo pelas fábricas, escritórios e salas de diretoria, pela mídia, universidades e profissões, de um lado a outro do país. Os resultados deveriam ser no momento indiscutíveis. Valores seculares estariam vacilando, e os seus defensores deveriam estar muito preocupados. Porém, como se pode verificar, todo esse incremento das fileiras evangélicas passou despercebido pela cultura. [...] A presença dos evangélicos na cultura americana causou apenas um murmurinho.⁸

⁸David F. Wells, *No place for truth: or whatever happened to evangelical theology?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 293 [edição em português: *Sem lugar para a verdade: o que aconteceu com a teologia evangélica?* (São Paulo: Shedd, 2017)].

O problema, segundo Wells, é que, enquanto os evangélicos têm convicções cristãs evidentemente corretas, muitas delas permanecem em grande parte na periferia de sua existência, em vez de estar no centro de sua identidade. No cerne, eles são homens ociosos, personalidades vazias. Se nós, como igreja, devemos gerar uma corrente reformista por meio de nossa cultura, então precisamos que os leigos sejam intelectualmente comprometidos com a fé e tomem a identidade cristã como seu definitivo autoconceito.

Além de uma reforma cultural, um reavivamento do compromisso intelectual é absolutamente decisivo para restabelecer um vibrante e transformador aprendizado sob o domínio de Jesus, o Mestre. Nenhum aprendiz se tornará como seu professor se não respeitar a autoridade deste em dirigir seu aprendizado e suas atividades. No entanto, hoje, a autoridade da Bíblia em geral, e a de Jesus Cristo em particular, é desconsiderada amplamente. A atitude geral, até mesmo entre muitos dos próprios seguidores de Cristo, é que, apesar de Jesus Cristo ser santo, poderoso, e assim por diante, a cosmovisão que ele ensinou e pela qual viveu não é mais aceitável para pessoas esclarecidas. Como observa Dallas Willard:

O peso esmagador da perspectiva secular [...] invade ou pressiona todo o nosso pensamento atual. Às vezes, isso até mesmo obriga os que se autoidentificam como professores cristãos a pôr de lado as evidentes declarações de Jesus sobre a realidade e a total relevância do reino de Deus, e substituí-las por especulações filosóficas cuja única coisa que as recomenda é a sua conformidade ao “moderno” [i.e., contemporâneo] modo de pensar. A poderosa presunção, embora vaga e sem substância, é que *qualquer coisa que possa ser percebida* com base em uma compreensão espiritual da realidade embasada na visão de Jesus será simplesmente tolice para os que “detêm o saber”.⁹

Willard conclui que, para restabelecer a vitalidade espiritual da igreja, devemos recuperar a imagem de Jesus, a de um indivíduo intelectualmente competente, que sabia sobre o que estava falando.

Para Willard, ele próprio um filósofo, isso deverá incluir a revitalização da reflexão filosófica na igreja. De fato, ela é um meio poderoso para acender a vida mental no discipulado cristão e dentro da igreja. Além do mais, nós, os autores deste livro, podemos testemunhar que a nossa adoração a Deus é mais profunda precisamente em razão de, e não apesar de, nossos estudos

⁹Dallas Willard, *The Divine conspiracy* (San Francisco: Harper, 1998), p. 92; cf. p. 75, 79, 134, 184-5 [edição em português: *A conspiração divina* (São Paulo: Mundo Cristão, 2001)].

filosóficos. Como refletimos filosoficamente em nossas várias áreas de especialização dentro do campo da filosofia, nossa apreciação da verdade de Deus e o temor por sua pessoa ficaram mais profundos. Nós ansiamos por futuros estudos em razão da apreciação mais aguda que, estamos seguros, eles nos trarão sobre a pessoa de Deus e sua obra. A fé cristã não é uma fé apática, cerebralmente morta, mas uma fé viva e inquiridora. Como Anselmo propôs, nossa fé busca compreensão.

Estes são tempos muito interessantes para viver e trabalhar no campo da filosofia, onde Deus está realizando uma obra nova diante de nossos olhos. Nossa esperança e oração são para que o Senhor se agrade em usar este livro no chamamento de mais pensadores cristãos para essa área efervescente, e que nossa obra possa fornecer à igreja e aos seus ministros as condições para servir a Deus e ao seu reino de modo mais eficiente no século 21.

2. UM CONVITE AO DIÁLOGO

Convencidos do benefício da formação filosófica para acadêmicos, ministros e leigos cristãos, oferecemos *Filosofia e cosmovisão cristã* como um texto introdutório ao campo da filosofia sob uma perspectiva cristã. Não assumiremos, portanto, qualquer pretensa neutralidade sobre os assuntos que vamos discutir. Nosso texto é deliberadamente cristão, e, por isso, intenciona oferecer não meramente um exame enfadonho de posições pró e contra, mas de preferência uma articulação do que acreditamos ser a posição mais plausível que um cristão possa assumir sobre esses assuntos. Naturalmente, reconhecemos que outras posições são admitidas por pensadores cristãos e, em alguns casos, permitimo-nos discordar da posição mais aceita ou deixar múltiplas opções em aberto. Acolheremos a crítica e o diálogo sobre todas as posturas defendidas por nós. Assim, quando discutirmos a respeito de determinadas posições reconhecidas como matéria de controvérsia, como o dualismo antropológico, a teoria dinâmica do tempo, o trinitarismo social ou o monotelismo cristológico, pretendemos abrir, e não fechar, a discussão sobre esses assuntos. Convidamos os leitores a se ocuparem com os argumentos com os quais defendemos nossas posições.

Filosofia e cosmovisão cristã, por motivos óbvios, é uma obra extensa, cobrindo uma ampla área de assuntos em epistemologia, metafísica, filosofia da ciência, ética e filosofia da religião, além de regras básicas de raciocínio. Muitos desses tópicos serão de difícil leitura para os recém-chegados à disciplina; assim, os que usarem esta obra como um livro-texto encontrarão um solo fértil para discussões. Portanto, não esperamos que se exija dos estudantes que

esquadrinhem o livro inteiro em um único semestre. De preferência, o professor deve escolher seletivamente os capítulos, prescrevendo os que se entrossem melhor com as questões que ele achar mais interessantes ou importantes, e deixando o restante para outras ocasiões. Naturalmente, esperamos que o interesse dos alunos seja suficientemente despertado, a fim de que retornem conseqüentemente ao livro em momentos posteriores para ler e debater com o material ainda não abordado!

Cada capítulo inclui uma exposição das questões mais importantes levantadas pelo assunto em discussão, ao lado de uma perspectiva cristã do problema, e se encerra com um resumo do material estudado e uma lista de palavras-chave empregadas. Essas palavras-chave estão impressas em **negrito** quando aparecem pela primeira vez e estão definidas no texto. Os alunos fariam bem em acrescentar esses termos ao seu vocabulário de estudos. Uma lista com sugestões de leituras adicionais para cada capítulo foi incluída no final do livro.

Procuramos adicionar o mínimo de notas de rodapé. Acreditamos que as sugestões de leituras adicionais indicarão literatura adequada à matéria discutida em cada respectivo capítulo.

3. AGRADECIMENTOS

Somos imensamente gratos a Jim Hoover, da InterVarsity Press, pelo metuculoso e paciente trabalho editorial de ter conduzido este extenso projeto à sua concretização. Estamos em débito com Mark e Jennifer Jensen pela preparação cuidadosa dos índices. Também desejamos agradecer ao Discovery Institute, a Howard Hoffman e a Paul e Lisa Wolfe pelas informações que imensamente ajudaram na realização deste projeto. Também agradecemos a Jarred Snodgrass e Timothy Bayless pelo árduo e excelente trabalho em aprimorar o índice desta obra. Por fim, queremos agradecer o apoio espiritual e o estímulo intelectual recebido de nossos colegas de faculdade e dos estudantes da Talbot School of Theology, especialmente daqueles do Talbot Department of Philosophy and Ethics.



PRIMEIRA PARTE
INTRODUÇÃO

O QUE É FILOSOFIA?

*Onde estou ou o que sou?
De que causas eu derivo minha existência,
e para qual condição voltarei?
De quem vou solicitar o favor, e de quem o ódio devo temer?
Que seres me cercam?
E sobre quem eu tenho alguma influência, ou quem a tem sobre mim?
Eu me confundo com todas essas perguntas,
e começo a supor-me na condição mais deplorável que se possa imaginar,
cercado pela escuridão mais profunda,
e totalmente privado do uso de qualquer membro e faculdade.*

DAVID HUME, *A treatise of human nature*¹

*Não se deve examinar todo problema nem toda tese,
mas apenas os que possam causar embaraço aos que necessitam de argumento.*

ARISTÓTELES, *Topics*² 1.11 (105a, 1-5)

*Não deveria um ministro ter, primeiramente,
uma boa compreensão, uma apreensão clara, um julgamento sadio
e uma capacidade de argumentar com um pouco de competência? [...]*

*Não seria determinado conhecimento (a metafísica) chamado
de a segunda parte da lógica, se não tão necessário como
[a própria lógica], ainda assim altamente apropriado?*

*Não deveria um ministro se familiarizar ao menos com
os fundamentos gerais da filosofia natural?*

JOHN WESLEY, *Address to the clergy*³

¹*A treatise of human nature* (Oxford: Clarendon, 1978) [edição em português: *Tratado da natureza humana*, tradução de Déborah Danowski (São Paulo: Editora Unesp, 2009)].

²*Topics* (Londres: Aeterna Press, 2015) [edição em português: *Tópicos*, tradução de Leonel Vallandro; Gerd Bornheim, Coleção Os Pensadores (São Paulo: Abril Cultural, 1983)].

³*An address to the clergy* (Farmington Hills: Gale, 2010).

1. INTRODUÇÃO

Você está prestes a embarcar em uma empolgante e fascinante jornada — a exploração filosófica de algumas das mais importantes ideias sobre a vida, a realidade, Deus, a alma, o conhecimento e a verdade, a bondade e muito, muito mais. Não se engane a esse respeito. Ideias devem ser discutidas. As ideias em que realmente se acredita determinam em grande parte o tipo de pessoa na qual alguém se torna. Todos têm uma filosofia de vida. Isso não é opcional. O que é opcional e, portanto, de extrema importância é a adequação dessa filosofia de vida. As ideias são racionais ou irracionais, verdadeiras ou falsas, cuidadosamente formadas e precisas ou formadas pela conveniência e vagas? Elas levam ao florescimento humano ou preservam a natureza decaída dos homens? Elas honram ou desonram ao Deus triúno? A disciplina filosófica pode ser de grande ajuda para alguém na busca por uma filosofia de vida continuamente rica e vigorosa.

Ao longo dos séculos, as pessoas têm reconhecido a importância da filosofia. Em particular, na história do cristianismo, a filosofia vem desempenhando um papel importante na vida da igreja e na difusão e defesa do evangelho de Cristo. O grande teólogo Agostinho (354-430) sintetizou as diversas perspectivas de muitos pais da igreja primitiva quando disse: “Devemos mostrar que as nossas Escrituras não estão em conflito com tudo aquilo que [os nossos críticos] podem demonstrar sobre a natureza das coisas com base em fontes confiáveis”.⁴ A filosofia foi a ferramenta principal que Agostinho utilizou nessa tarefa. Em 1756, John Wesley proferiu um discurso a um grupo de homens que se preparavam para o ministério. Ele os exortou a adquirir habilidades que hoje em dia são frequentemente negligenciadas na educação dos seminários, mas que deveriam ser restabelecidas por estes. E muito do que Wesley disse soa como um conselho para todos os cristãos. Para ele, entre os fatores cruciais para o serviço de Cristo, incluía-se um razoável domínio da lógica e da filosofia.

Infelizmente, hoje as coisas são diferentes. O teólogo R. C. Sproul chamou este período de o mais anti-intelectual na história da igreja. Charles Malik, ex-secretário-geral das Nações Unidas e estadista cristão, adverte que o maior dos perigos que o evangelicalismo moderno enfrenta é a falta de desenvolvimento da mente, especialmente em relação à filosofia.

⁴Augustine, *On the literal interpretation of Genesis 1.21*, citado em Ernan McMullin, “How should cosmology relate to theology?”, in: Arthur R. Peacocke, org., *The sciences and theology in the twentieth century* (Notre Dame, Estados Unidos: University of Notre Dame Press, 1981), p. 20.